

Domingo, 17 de Maio de 2015

Dom, 17 de Maio de 2015.
20:38:00.

EL PAÍS | CULTURA

ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA

Brasil aspira a ser a ‘nova Espanha’ do cinema latino-americano

País lança linha de apoio à coprodução de filmes com a América Latina
Cinema brasileiro espera ocupar o espaço que tradicionalmente é dos espanhóis
Duas ou três coisas que o cinema argentino pode ensinar ao do Brasil

CAMILA MORAES
São Paulo

O Brasil desistiu de carregar o estigma de país que dá as costas para a vizinhança – ao menos pelo que indicam suas novas políticas de cinema. A **Agência Nacional do Cinema (Ancine)** acaba de anunciar uma linha de coprodução exclusiva dentro do Programa Brasil de Todas as Telas, que viabiliza o investimento de cinco milhões de reais do Fundo Setorial do **Audiovisual (FSA)** para filmes produzidos em parceria com países latino-americanos.

A novidade – pré-anunciada em dezembro no último Ventana Sur, o principal mercado cinematográfico voltado para a região, e divulgada agora, durante o Festival de Cannes – é recebida com empolgação do México à Argentina, que veem no Brasil uma “nova Espanha”. Tradicionais sócios culturais da América hispânica, os espanhóis vêm diminuindo seus investimentos em audiovisual desde o estouro da crise econômica em 2008, deixando um buraco financeiro na inegável evolução qualitativa do cinema latino.

Por um lado, os brasileiros desejam preenchê-lo, aproveitando para “promover a presença do cinema brasileiro no mercado externo”, nas palavras de **Manoel Rangel**. “As parcerias entre produtoras brasileiras e de outros países enriquecem o mercado, permitindo o intercâmbio profissional”, diz o diretor da **Ancine**. O novo edital contemplará obras de ficção e documentários em que o Brasil é o coprodutor minoritário e que receberão, respectivamente, 250.000 e 175.000 reais, no máximo, por projeto. O investimento, como todas as linhas de fluxo contínuo (permanentemente abertas) do FSA, não será a fundo perdido, o que significa que parte da receita líquida do produtor será retida, retornando ao fundo em caso de lucro.

A iniciativa encontra eco entre profissionais do setor como Vânia Cattani, à frente da **Bananeira Filmes**, uma das produtoras nacionais com maior experiência em coproduções latino-americanas. “Ao contrário de nós, a maioria dos países da América Latina contam com poucos recursos para seus filmes, então esses são valores representativos. Com a crise, a Espanha deixou de ser para eles o player que era, e nós somos mesmo o gigante da região. Temos muito a ganhar com isso”, afirma a carioca que coproduz atualmente, com mais recursos que o outro coprodutor, Pedro Almodóvar, Zama, o mais recente trabalho da argentina Lucrecia Martel (O pântano e A menina santa) – um dos maiores talentos do cinema argentino e da América Latina hoje.

Um dos cuidados que toma esse edital é separar os países latino-americanos em grupos, de acordo com suas características econômico-estruturais. Países como Bolívia, Costa Rica, Paraguai e Guatemala, com poucos (ou nenhum) respaldos estatais para o cinema, têm garantida uma fatia maior do bolo de cinco milhões, enquanto Argentina e México, os que mais ativamente produzem na região e com mais recursos, operarão dentro de uma fatia menor.

Na opinião do consultor internacional da **Ancine**, Eduardo Valente, essa lógica privilegia aqueles

que dependem muito de fundos internacionais. “É uma questão estratégica. Favoreceremos os países que mais precisam de aportes financeiros, mas que produzem com qualidade também. É o caso de Ixcanul, filme do guatemalteco Jayro Bustamante que foi destaque no último Festival de Berlim”. Valente acredita que subir a bordo de projetos assim projetará o Brasil de maneira qualificada no circuito cinematográfico internacional.

Por outro lado, se o país virar de fato um grande sócio latino-americano, quem se beneficia é o espectador. A expectativa é que esses filmes passem a circular muito mais em salas comerciais brasileiras, que hoje exibem com o merecido cuidado quase que só os blockbusters argentinos. “Se forem observadas as estatísticas que computamos até 2013, é possível notar que, com exceção da Argentina, nossa variedade de coprodução com a América Latina é pouco representativa. Essa nova linha pode ser revolucionária em sua capacidade de mudar esse panorama”, afirma Valente.

[Link](#)